

ENCENAÇÕES DA HETERONÍMIA PESSOANA

Em torno de Alberto Caeiro

O sistema solar pessoano (alguns chamam-lhe universo ou galáxia) tem, naturalmente, um centro. De um ponto de vista lógico, Fernando Pessoa ocuparia esse lugar central, na própria medida em que é o criador do sistema. Na verdade, de um ponto de vista ficcional, o centro do sistema é um «outro». Esse outro é Caeiro, designado de Mestre, e pensado, pelo menos a determinada altura, como Mestre. É em seu torno que giram, segundo a vontade de Pessoa, os outros dois heterónimos, Campos e Reis, e também, eventualmente, duas outras figuras fictícias: António Mora, talvez Bernardo Soares, além do próprio Fernando Pessoa – transformado, assim, paradoxalmente, em heterónimo de si mesmo.

Esta ficção tem, no entanto, uma forte razão de ser. Pessoa diz, na conhecida carta sobre a génese dos heterónimos, a Adolfo Casais Monteiro, que, ao escrever, de uma só vez, e num só dia – 8 de Março de 1914 – os trinta e tal poemas de «O Guardador de Rebanhos», atribuídos a Caeiro, encontrara em si o seu mestre. Embora este chamado «dia triunfal» não passe também de ficção, ele tem algo de verídico, no sentido em que, ao acontecer-lhe a poesia original e inovadora de Caeiro, terá Pessoa experimentado uma espécie de epifania. Caeiro, no entanto, não surge de rompante, em jeito de inspiração momentânea; a dita epifania é apenas, como quase sempre, um ponto de chegada, às vezes surpreendente, de uma longa maturação. Talvez Pessoa procurasse há muito em si uma forma original de ser poeta, uma voz diferente. Disse, a dado momento, ter pensado em Alberto Caeiro para fazer uma «partida» ao Mário de Sá-Carneiro.

Caeiro é, de certa forma, uma reacção quer ao impacto que deve ter tido nele a leitura e o conhecimento de Walt Whitman, quer à necessidade de «virar do avesso» o pendor transcendentalista e saudosista da poesia portuguesa sua contemporânea. Caeiro é, assim, um anti-Whitman (ou um anti-Campos, na medida em que este heterónimo terá recebido, pela positiva, a influência do poeta americano. Leia-se, por exemplo, o poema «Saudação a Walt Whitman», atribuído a Álvaro de Campos).

Caeiro é também, além de um anti-Whitman, um anti-Pascoaes.

Caeiro surge, deste modo, para encarnar a modernidade que fazia falta a Fernando Pessoa para afirmar a sua individualidade.

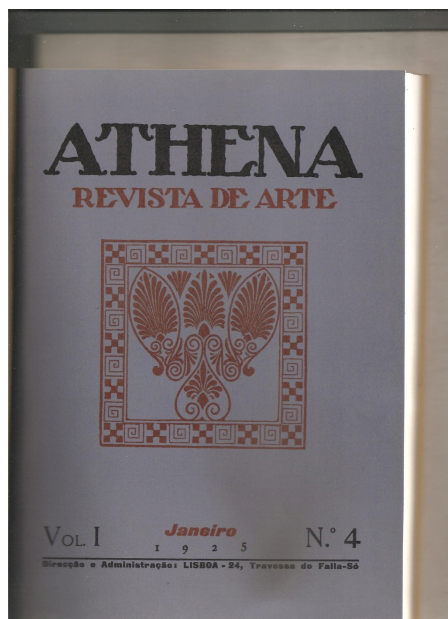
Este «encontro» com Caeiro é, por isso, central na obra pessoana. A partir dele, Pessoa pode conceber toda uma ficção, um «teatro do ser», um «drama em gente», uma espécie de romance com múltiplas personagens.

Fernando Pessoa auto-classificou-se como «poeta dramático» ou dramaturgo. Para ele, esse era o grau máximo que um poeta poderia atingir – ser capaz de se desdobrar em outros e escrever em estilos completamente diferentes do seu. O seu, lembre-se, era um estilo bem mais tradicional e decadentista, percorrido por um forte impulso filosofante, e, muitas vezes, de cariz esotérico (veja-se o livro *Mensagem*)

Se o conjunto dos heterónimos mais ortónimo forma um sistema, e se expressa dramaticamente, interagindo todos uns com os outros, convinha, então, proceder à encenação (encenações) desse drama ou dessa interacção. Vejamos alguns exemplos dessas encenações, nomeadamente as que se desenvolvem em torno do Mestre:

1 - Em 1924, Fernando Pessoa funda a revista *Athena* – quase 10 anos depois do escândalo de *Orpheu*, onde dera a conhecer Álvaro de Campos – autor das extraordinárias «Ode Triunfal» e «Ode Marítima» - mas também o poema interseccionista, «Chuva Oblíqua», em seu próprio nome (aquele que dirá mais tarde ter escrito como reacção aos poemas de «O Guardador de Rebanhos»).

Só nesta revista aparecerão, pela primeira vez em público, poemas de Ricardo Reis (nº 1) e os principais poemas de Alberto Caeiro. No nº 4, poemas de «O Guardador de Rebanhos», assim apresentados:



ESCOLHA DE POEMAS DE
ALBERTO CAEIRO
(1888-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»
(1911 — 1912)

I
Eu souso guardador de rebanhos.
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol,
E anda pela vida das Delasções
A seguir e a cultivar.
Tudo o que da Natureza sem gente
Vem sentir-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a minha imaginação,
Quando esdria no fundo da planície
E se sente a noite estranha
Como uma borboleta pela janela.
Mas a minha tristeza é sócego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que estubo.
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.
Como um raio de chocolate
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes,
Se tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não souberem,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.
Ficarem incomodados como andar á chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Não tenho ambições sem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho.
E se desejo de veres,
Por imaginar, por cordelinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta

e, no nº 5, alguns «Poemas Inconjuntos»:

ESCOLHA DE POEMAS DE
ALBERTO CAEIRO
(1889-1915)

DOS «POEMAS INCONJUNTOS»

(1913-1915)

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter philosophia nenhuma.
Com philosophia não ha arvores: ha idéas apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fóra;
É um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse.
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

*
Fallas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos soffrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas puestas d'esta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, soffriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te querreria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida.
A querer inventar a machins de fazer felicidade!

*
Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo
Fosse um momento uma figura de homem;
Os seus passos vão com elles na mesma realidade,
Mas eu reparo para elle e para elles, e são duas cousas:
O «homem» vai andando com as suas idéas, folio e extrangeiro,

197

As datas são, em absoluto, ficcionadas: as datas do nascimento e morte fazem naturalmente parte da biografia que Fernando Pessoa inventou para o heterónimo (louro, de olhos azuis, nascido em Lisboa, no centro portanto, em Abril de 1889, com o signo de Carneiro – Abril, data da morte de Sá-Carneiro, também ele Carneiro, mas de nome...). Mas as datas da criação ou execução dos poemas não são menos fictícias, contradizendo mesmo o que será afirmado, mais tarde, em outras encenações, nomeadamente a da carta dirigida a Casais Monteiro. De facto, se «nasceu» para Pessoa em Março de 1914, como teria o (duplamente) «inexistente» Alberto Caeiro produzido quase toda a sua poesia antes desse ano feliz?

2 - Outra encenação ligada a Alberto Caeiro é uma entrevista fictícia, realizada em Vigo, com vista ao lançamento da sua obra. Fernando Pessoa parece ter querido rodear a divulgação pública do Mestre de algum aparato ou «teatralidade». Vejamos um excerto, significativo por quanto nos pode informar sobre a génese do heterónimo:

«O amigo que me enviou o seu livro disse-me que ele era *renascente*, isto é, filiado na corrente da Renascença Portuguesa mas eu não creio...

- E faz muito bem. Se ha gente que seja indigna da minha obra é essa. O seu amigo insultou-me sem me conhecer comparando-me a essa gente. Elles são mysticos. Eu o menos que sou é mystico. Que há entre mim e elles? Nem o sermos poetas, porque

elles o não são. Quando leio Pascoaes farto-me de rir. Nunca fui capaz de ler uma cousa d'elle até ao fim. Um homem que descobre sentidos ocultos nas pedras, sentimentos humanos nas arvores, que faz gente dos montes e das madrugadas...»¹

A referência a uma filiação *a contrario* em Teixeira de Pascoaes corrobora um outro texto de Pessoa, bem útil para a compreensão de Caeiro, no qual afirma:

«Talvez Caeiro proceda de Pascoaes; mas procede por oposição, por reacção. Pascoaes virado do avesso, sem o tirar do lugar onde está, dá isto – A. Caeiro»²

3 – Se a entrevista serviria o objectivo de dar a conhecer o estranho poeta bucólico, a prevista publicação da obra caeiriana com um prefácio de Reis – dilecto discípulo de Caeiro -, visava dar consistência ao «romance em família» de que Caeiro era o protagonista, mas também promovê-lo junto da crítica. Desse prefácio ficaram vários fragmentos, como o que a seguir se apresenta:

«Alberto Caeiro é, cremos, o maior poeta do século vinte, porque é o mais completo subversor de todas as sensibilidades diversamente conhecidas, e de todas as fórmulas intelectuais variamente aceites. Viveu e passou obscuro e desconhecido. É esse (dizem os ocultistas) o distintivo dos Mestres. (...) A obra de Caeiro é mister que seja lida com uma atenção nova. Tudo é novo ali. Nem a substância intelectual, nem a arte das imagens, nem a própria figuração verbal têm precedentes nem alianças. Só a forma se ressentia da indisciplina e da incoerência da nossa época.»³

4 - A encenação mais interessante, do ponto de vista literário, terá sido, no entanto, a projectada obra com o título *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, da autoria de Álvaro de Campos.

Nos fragmentos que nos ficaram, é Campos que descreve a acção verdadeiramente magistral que Caeiro teria tido junto dos discípulos. Vejamos algumas passagens bem elucidativas:

¹ Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer - Textos para um novo mapa*, vol. II, Lisboa: Editorial Estampa, 1990, pp.399-401.

² Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa: Ática, s.d., pp.344-345.

³ Ricardo Reis, *Prosa*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Assírio & Alçvim, 2003, p. 63.

«O meu mestre Caeiro era um mestre de toda a gente com capacidade para ter mestre. (...)

Nenhum homem inferior pode ter um mestre, porque o mestre não tem nelle nada de que o ser. (...)

Em torno do meu mestre Caeiro havia, como se terá deprehendido destas paginas, principalmente trez pessoas – o Ricardo Reis, o Antonio Mora e eu. (...) Todos nós somos outros – isto é, somos nós mesmos a valer – desde que fomos passados pelo passador d’aquella intervenção carnal dos Deuses.»⁴

Convém dizer que estas encenações surgiram, certamente, *a posteriori*. Quero dizer, primeiro surgiram os poemas, depois os seus autores e a consequente criação de entidades heterónimas por eles responsáveis, com as suas biografias. A entreacção que, entretanto, se verifica entre tão diversos discursos poéticos terá levado Fernando Pessoa a perceber nela uma carga ficcional de grande potencialidade e terá, então, começado a construir uma espécie de peça de teatro ou de romance, em que cada heterónimo e ele próprio não fossem mais do que personagens, cada um com um papel bem definido. Esta é, sem dúvida, uma marca da genialidade de Pessoa, mas também uma pista de leitura que temos para a sua obra multifacetada.

⁴ Fernando Pessoa, *Prosa de Álvaro de Campos*, edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello, Lisboa: Ática, 2012, pp.100-101.